O FUTEBOL NO ESPAÇO AUTOBIOGRÁFICO: UMA ANÁLISE DAS OBRAS DE NICK HORNBY

Natasha Santos-Lise[1]
André Mendes Capraro[2]

Resumo: A presente proposta busca discutir o futebol, a partir de outras produções de Nick Hornby, como as coletâneas *My Favourite Year* (1993), *Pray* (2012) e *Fan Mail* (2013). Foram utilizados, também, alguns textos publicados no jornal *The Independent*, entre 1993 e 95. O objetivo foi identificar as rupturas e/ou continuidades à autobiografia, seja com relação à forma de escrita ou com o conteúdo. Para tanto, buscou-se apoiar metodologicamente na perspectiva de texto e contexto, desenvolvida por Antonio Candido, bem como no conceito de "espaço autobiográfico", definido por Philippe Lejeune. Pode-se perceber que o tratamento do futebol, de acordo com a análise das obras de Hornby, passa por três significados distintos – memória, verossimilhança e notícia.

Palavras-chave: literatura; esporte; futebol inglês.

Introdução:

A presente proposta se refere a uma parte da pesquisa de doutorado, relacionada à análise do futebol na obra autobiográfica do autor inglês Nick Hornby, intitulada *Febre de Bola* (1992). Pretende-se tratar, aqui, portanto, das obras sobre futebol, além da autobiografia, produzidas por Nick Hornby.

Após *Febre de Bola*, sua primeira publicação literária, em 1992, o escritor dedicou muitos livros ao esporte e, naqueles em que não trata do futebol, este aparece entre um diálogo e outro.

Entre as produções esportivas, pode-se citar quatro obras:

1) *My Favourite Year*, publicado em 1993, que se refere a uma coletânea de escritos sobre o futebol, em que Hornby organiza textos de outros autores. Um dos capítulos é de sua autoria – *The Abbey Habit* –, e está disponível no livro *Fan Mail*.

2) *The Picador Book of Sportswriting*, publicado em 1997, também é uma coletânea editada por Nick Hornby e Nick Coleman.

3) *Pray*: *Notes on the 2011/2012 Football*, 2012, não-ficção, coletânea de textos de futebol, sobre a temporada em questão.

4) *Fan Mail*: *twenty years of writing about soccer*, 2013, não-ficção, coletânea de textos de futebol, escritos ao longo de 20 anos e publicados em jornais, revistas e livros. Inclusive, *Pray* é um dos textos organizados nesta edição.

Pray e *Fan Mail* foram publicados apenas no formato de *e-book*, pela Penguin Specials[3]. Ambos se aproximam da ideia de *Febre de Bola*, com crônica, seguida da data e das equipes que jogaram.

Na introdução ao livro *Fan Mail*, Nick Hornby apresenta uma justificativa a respeito de sua produção literária do futebol: "Eu tinha medo de que meu primeiro livro, *Febre de Bola*, que descreve meu relacionamento com o Arsenal FC (embora, se você

[1] Doutora em Educação Física. Universidade Federal do Paraná. E-mail: natashaslise@gmail.com.
[2] Doutor em Educação Física. Universidade Federal do Paraná. E-mail: andrecapraro@onda.com.br.
[3] A Penguin Specials, uma variação da marca Penguin Books, se dedica à publicação de livros de leitura rápida, de autores contemporâneos, com versão em *e-book* apenas. Nick Hornby possui três publicações neste formato – além de *Pray* (2012) e *Fan Mail* (2013), há *Books, Movies, Rythm and Blues* (2013).

tiver chegado a ler isto, você bem sabe disso) poderia me estereotipar, e é por isso que eu nunca escrevi outro livro completo sobre o assunto" (HORNBY, 2013, s/p)[4,5]. Todavia, *Febre de Bola* sempre aparece como uma grande referência. Seja em *sites* relacionados a esporte, como o da ESPN, em que a apresentação de Hornby é feita da seguinte forma: "Nota dos editores: [...] Nick Hornby – romancista e roteirista que escreveu sobre sua obsessão como torcedor do Arsenal em *Febre de Bola*" (ESPN, 15 jun. 2017)[6,7]. Ou nas entrevistas, disponíveis no *YouTube*, em que o assunto não é o esporte, propriamente (YOUTUBE, 2015, 2016). Em todas essas menções, entretanto, a ênfase não parece ser apenas no fato de ser um entendedor do esporte, como se pode supor acerca da *ESPN*, mas o que é destacado é, também, a grandiosidade da obra, visto que foi o livro que o tornou conhecido. Dificilmente, a autobiografia deixe de ser considerada a sua maior obra – ao lado de *Alta Fidelidade*.

Materiais e métodos:

Muito embora o texto autobiográfico assuma, em partes, o caráter inventivo, uma vez que estaria intimamente vinculada a construções artificiais, já que narrador e personagem tendem a se confundir na narrativa, não se pode negligenciar a questão da memória (ALBERTI, 1991; CALADO, 2009; SANTOS, 2006). Ou seja, o autor pretende que sua narrativa seja tratada enquanto um texto verídico, sincero e autêntico, todavia, esta intenção não garanta o rompimento com a subjetividade do escritor, ao omitir acontecimentos de sua vida ou transformá-los segundo a conveniência de sua perspectiva. Esse julgamento com base na intenção de verdade é o que aproxima a autobiografia da história, ao mesmo tempo em que há a impossibilidade de se alcançar uma essência verdadeira. Começa-se, aqui, a delinear um gênero híbrido que, apesar da tentativa de verdade, atinge acepções também literárias.

O crítico inglês Raymond Williams (2014), ao se debruçar sobre o entrelaçamento entre literatura e sociedade, expõe que o processo de produção da escrita é também social e acontece junto à construção de aspectos estéticos no texto. Dessa forma, embora os elementos sociais contribuam significativamente para a produção da literatura, não se pode dizer que esses elementos contextuais estejam puros, sem qualquer deformação, ao longo da obra.

Nesse mesmo sentido, ao se referir ao elemento sociológico (externo), Candido (2014) aponta que este é importante na medida em que desempenha um papel na constituição da estrutura da obra – tornando-se, portanto, um elemento interno ao texto. Tal constatação dialoga com a percepção de Williams ao tratar do bucólico nas produções inglesas seiscentistas, por exemplo, quando percebe a mudança do estilo de escrita, atrelada às mudanças na paisagem campestre.

Ao tratar dos aspectos que colocam a autobiografia como um gênero de referência, Philippe Lejeune (2014) aponta, também, para o elemento autobiográfico que

---

[4] Originalmente: "I had been afraid that my first book, Fever Pitch, which describes my relationship with Arsenal FC (although if you've got as far as reading this, you may well know that already) might stereotype me, which is why I never wrote another full-length book on the subject" (HORNBY, 2013, s/p).

[5] É importante destacar que, por se tratar de um *e-book*, este não possui páginas, mas "posições", que podem variar de acordo com o dispositivo em que se está lendo. Neste caso, usando como referência o Kindle, com tamanho de letra 5, tal citação se encontra na posição 43 do livro.

[6] Disponível em: <http://www.espn.com/soccer/club/arsenal/359/blog/post/3143118/nick-hornby-on-arsenal-and-arsene-wenger-after-horrible-premier-league-campaign>.

[7] Originalmente: "Editors' note: […] Nick Hornby – novelist and screenwriter who wrote about his obsessive fandom of Arsenal in "Fever Pitch'" (ESPN, 15 jun. 2017).

pode existir em gêneros de ficção, como o romance. Dessa forma, os textos que, embora sejam narrativas sobre a vida de determinado personagem, não se declarem como autobiografias, são tratados por Lejeune (2014, p. 29) como romances, os quais podem até ser autobiográficos: "Chamo assim (romances autobiográficos) todos os textos de ficção em que o leitor pode ter razões de suspeitar, a partir das semelhanças que acredita ver, que haja identidade entre autor e *personagem*, mas que o autor escolhe negar essa identidade ou, pelo menos, não afirmá-la". Nesse sentido, é possível pensar em um "espaço autobiográfico", composto pelas obras do escritor em um sentido mais amplo, com o intuito de refletir sobre estilos de escrita e mesmo elementos da vida do escritor.

Resultados e discussão:

Para Nick Hornby, transformar os torcedores de futebol em um público apreciador – ou, como trata em *Febre de Bola*, em consumidores – seria inviável. Em grande parte do tempo, o torcedor de futebol está descontente com o jogo a que assiste, sendo a afetividade pelo clube, o principal motivo da permanência da torcida, ainda que o clube vá de mal a pior. É como se a autobiografia e os textos daquele período fossem o hino do Arsenal escrito em prosa, já que, essencialmente, o que Nick Hornby destaca é que "Vencendo ou perdendo / É você que escolhemos" (*Whether you win or lose / It's you that we choose*).

A escrita do futebol na década de 1990 e início dos anos 2000, como verificado em *Fan Mail* e no próprio *Febre de Bola*, é diferente da escrita da década dos anos 2010, como se percebe a partir de *Pray*. Com base nos elementos contextuais e no quanto estes interferem no texto, é provável que essa mudança na forma de escrita seja um reflexo – entre outras coisas, como a autonomia do autor –, do esporte em si. Pois, a modalidade da década de 1990 é absolutamente distinta do modelo contemporâneo espetacularizado. Assim, é possível que essas mudanças no contexto esportivo tenham influenciado a produção de Hornby, que já não aborda os efeitos afetivos do futebol, mas estritamente o que acontece em campo.

Essa proximidade a *Febre de Bola* fica bastante evidente em alguns textos publicados em *The Independent*, inclusive, por parte do próprio jornal que, apresenta Nick Hornby como o autor daquela autobiografia. A maioria das publicações do escritor neste periódico está entre os anos de 1993 e 1995, sendo pouquíssimas delas sobre futebol – até porque a coluna escrita por Hornby fazia parte do caderno cultural, o que cria até certa polêmica por parte de alguns leitores, pois o futebol não estava restrito ao caderno esportivo. Optou-se por destacar dois dos textos de Nick Hornby, ambos referentes ao Arsenal.

Hornby apresenta, ainda, a deixa para criticar a espetacularização crescente do futebol, bem como a tentativa de alcançar uma torcida que fosse consumidora. Todavia, ao retomar a questão da venda do esporte, o escritor entra em um caminho perigoso, pois, ao afirmar que o torcedor vai ao campo para xingar, pode se emparelhar à justificativa recorrente ao racismo, por exemplo. Sob a máxima do "calor do jogo", não são poucos os casos em que o preconceito de raça no estádio de futebol é justificado pela emoção.

As publicações no jornal *The Independent* reafirmam o que já foi mencionado anteriormente, sobre a forte presença das características e mesmo do conteúdo exposto em *Febre de Bola*, nos escritos dos anos 1990. Para além de todas as mudanças do esporte, é importante lembrar, também, que graças à autobiografia, Nick Hornby passou a ser colunista em alguns periódicos, nos quais escrevia também sobre futebol – ou exclusivamente sobre isso. Dessa forma, escrever sobre futebol no jornal implica tratar dos acontecimentos futebolísticos, aproximando-se do formato da crônica não apenas

pela forma de escrita, como pela proximidade com a notícia. Daí as diferenças na forma de escrever entre a década de 90 e os anos 2000. O saudosismo em relação ao futebol tende a aparecer nas colunas culturais, em que o futebol não é o principal assunto a ser tratado.

Considerações finais:

Pode-se pensar em três apresentações distintas do esporte, segundo as produções de Nick Hornby: 1) o futebol que corresponderia a um mito do passado mais feliz, atrelado aos sentimentos do escritor e, portanto, eivado de subjetividade, presente na autobiografia, na entrevista a Tom Watt e nas colunas culturais. 2) A modalidade como ela é, paradoxalmente presente nas obras de ficção, no sentido de conferir verossimilhança aos textos, via de regra, ocupando uma passagem bastante curta da narrativa. Por fim, 3) pode-se pensar no futebol atrelado à notícia, presente nas colunas esportivas dos jornais, conferindo objetividade na forma de escrever, bem como ao próprio esporte.

Referências:

ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 66-81, 1991.

CALADO, Eliana Alda de Freitas. Da História ou da Literatura? O Limbo das Autobiografias. *Saeculum - Revista de História*, João Pessoa, n. 20, p.103-110, jan./jun. 2009.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*: estudos de Teoria e História Literária. 13ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

ESPN. *Nick Hornby looks back on Arsenal's worst season in 21 years*. 15 jun. 2017. Disponível em: <http://www.espn.com/soccer/club/arsenal/359/blog/post/3143118/nick-hornby-on-arsenal-and-arsene-wenger-after-horrible-premier-league-campaign>. Acesso em: 19 dez. 2017.

HORNBY, Nick. *Febre de Bola*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (Originalmente publicado em 1992).

_____ (Org.). *My favourite year*: a collection of football writing. Londres: Phoenix, 2001, Kindle Edition. (Originalmente publicado em 1993).

_____. *What would my younger self say if he met me now?* Londres: The Independent, 11 jun. 1994. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/artsentertainment/whatwouldmyyoungerselfsayifhemetmenow1421982.html>. Acesso em: 01 mar. 2017.

_____. *A week when football went mad.* Londres: The Independent, 05 fev. 1995. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/sport/aweekfootballwentmad5420489.html>. Acesso em: 01 mar. 2017.

_____. *Pray*: Notes on the 2011/2012 Football Season. Londres: Penguin Specials, 2012, Kindle Edition.

_____. *Fan Mail*: twenty years of writing about soccer. Londres: Penguin Specials, 2013, Kindle Edition.

_____. Pequeno País. In: Vários autores. *Foras da lei barulhentos, bolhas raivosas e algumas outras*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 15-38.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico:* de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SANTOS, Márcia Pereira dos. A compreensão do si mesmo e do outro em autobiografias: contribuições ricoeurianas na escrita da história. Goiás: *Emblemas* – Revista do Departamento de História e Ciências Sociais, v. 1, n. 2, 2006.

YOUTUBE. *Nick Hornby: "Funny Girl" Google Talks*. 10 fev. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S0Vo2-1KC8s>. Acesso em: 18 dez. 2017.